

Da presentificação

Denis Borges Barbosa (1970)

“Tudo na vida é passageiro, menos o condutor e o motorneiro”¹.

A diferença entre um enunciado referencial ou científico e um enunciado estético está em dois pontos diversamente importantes: na distinção entre apresentação e presentificação (como explicarei a seguir) e naquela outra entre modelo seletivo e modelo global.

Consideremos, primeiramente, a epígrafe: um ditado de sabor popular que se utiliza da bivalência da palavra passageiro incluir num truísmo aparente um dado cômico e, como se verá, um componente estético de altíssimo grau. Pois que, ao estabelecer a comparação/metáfora (a vida é como um bonde / a vida é um bonde) o refrão evidencia através da inclusão de uma restrição impertinente o valor único – e não bivalente do termo aparentemente comum (passageiro): na vida não há condutores nem motorneiros.

Num movimento preliminar, o valor referencial do refrão fica revigorado, pois, numa operação de cunho científico, precisou-se a univocidade de um termo ao suprimir suas correlações metafóricas (ainda mais suscitadas pelo aparente ridículo de um tal truísmo). Mas o próprio sentido do processo de validação do termo (e, por extensão, do enunciado) imposta em uma re-inversão de sua não-valia como categoria de pensamento operante. Expliquemo-nos: o ridículo de um truísmo está exatamente no fato de ser uma “verdade” indiscutível, ou seja, a que cada recolocação não enriquece ou amplia. Ao suscitar (por deslocamento do ridículo, do truísmo para o inesperado da metáfora falha) um re-pensamento do enunciado em seu valor renovado, o mecanismo do cômico na verdade “recria” um valor novo.

Em exame mais próximo, assim, se observa não a adjetivação ou restrição que transforma uma proposição lógica universal em uma particular, mas sem a colocação de um enunciado não-referencial (os passageiros) não são a vida ou os usuários do bonde, de *per se*, mas os sujeitos de uma *boutade* que tem sua vida expressa em significantes-significados).

Além disto, note-se bem, o processo não precisa o termo por processos de restrição linear (...por passageiros entenda-se...) mas sim o faz pela presentificação de um mecanismo pelo qual a proposição se torna universal, não truística, lógica e, paradoxalmente, particular, tautológica e irracional. Universal, para o universo-relâmpago da *boutade*; não truística, pois que neste universo ela é única; lógica, pois coerente com o seu “racional de *boutade*”. Particular, tautológica e irracional, pois a *boutade* é e não é, enfim, um universo.

Falamos acima em presentificação, antes do cumprimento da promessa anterior de dicionarizar o termo: entendemos por apresentação o enunciado

¹ Para o benefício de quem nunca andou em bonde: condutor: “9. Empregado que cobra e/ou recolhe passagens em bondes e trens. [Nesta acep., do ing. conductor.]”; motorneiro: “(mo.tor.nei.ro) sm. 1. Bras. Profissional que dirige bonde: Tudo nessa vida é passageiro, menos o cobrador e o motorneiro. [F.: motor + -n- de ligação + -eiro] (Caldas Aulete)

referencial, e por presentificação o drama. Falar de algo ou representá-lo como peça de teatro: apresentar/presentificar. Tanto o enunciado científico como o estético presentificam, ambos por meio de “cópias” de um referencial, sem procurar falar de uma árvore ou rosa, mas simplesmente copiando-a. A forma de copiá-la determina a diferença.

Uma rosa, quanto a suas propriedades biológicas, é tal, quanto a suas potencialidades econômicas, é qual. Quanto à estética, é uma rosa, uma rosa, uma rosa². Modelo seletivo-parcial; modelo global.

Assim o “passageiro” definido é seletivo, preciso, único, unívoco, universal. O “passageiro” na boutade, também, só que, enfim, já que condutores e motorneiros não existem na vida, a proposição é válida, mas só para o mundo em que motorneiros e condutores toquem o bonde-vida.

² “The sentence "Rose is a rose is a rose is a rose." was written by Gertrude Stein as part of the 1913 poem Sacred Emily, which appeared in the 1922 book Geography and Plays. In that poem, the first "Rose" is the name of a person. Stein later used variations on the sentence in other writings, and "A rose is a rose is a rose" is probably her most famous quote, often interpreted as meaning "things are what they are," a statement of the law of identity, "A is A". Encontrado em http://en.wikipedia.org/wiki/Rose_is_a_rose_is_a_rose_is_a_rose